

Data: 24.08.2019

Título: CÃES COMO NÓS

Pub:

Expresso **E** A Revista do Expresso

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;3;32;33;34;35;36;37



Área: 5166cm² / 50%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6572800

Data: 24.08.2019

Título: CÃES COMO NÓS

Pub:

Expresso **E** A Revista do Expresso

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

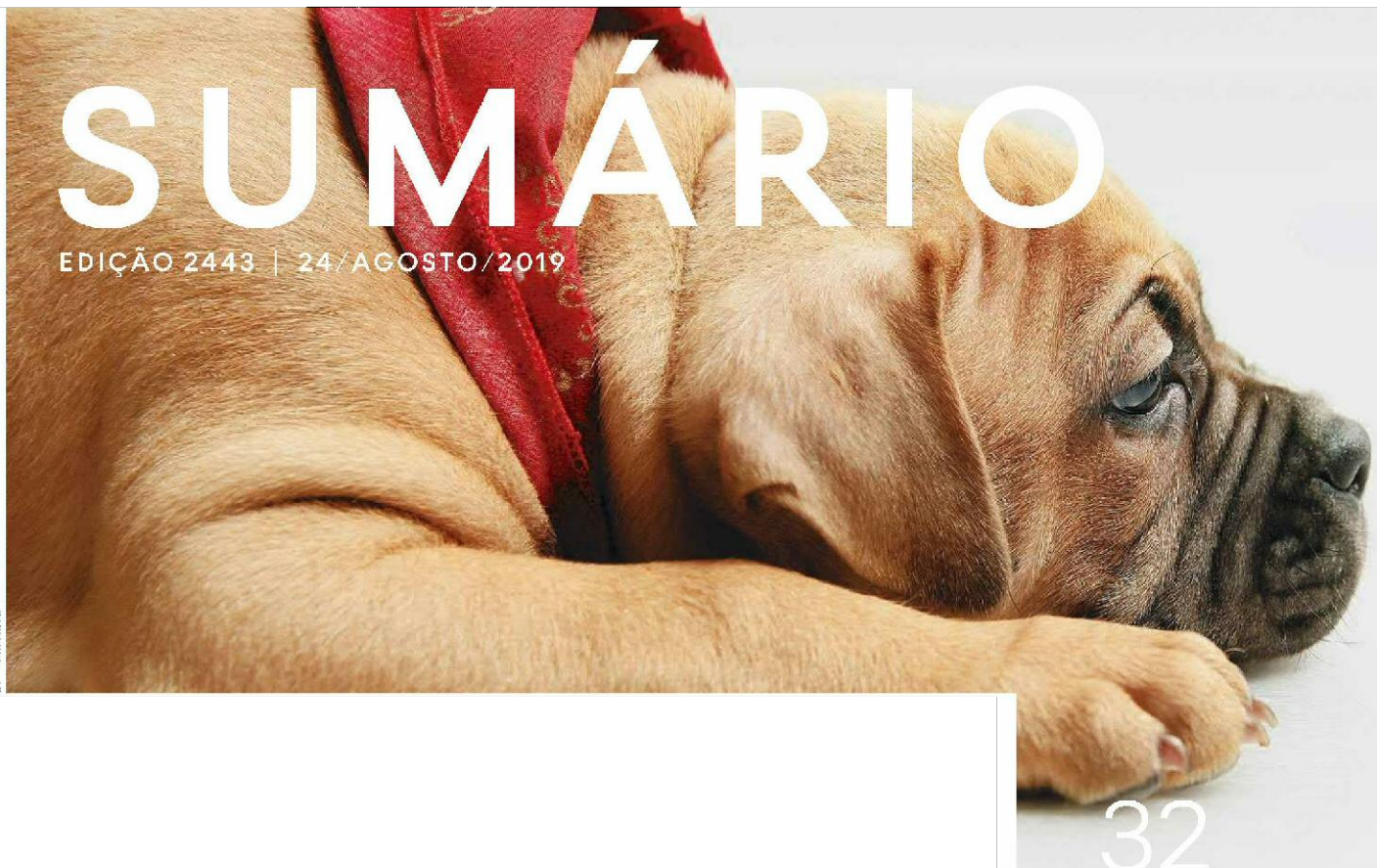
Secção: Destaque

Pág: 1;3;32;33;34;35;36;37



SUMÁRIO

EDIÇÃO 2443 | 24/AGOSTO/2019



32

Cães Para o bem e para o mal, os cães fazem parte das famílias contemporâneas

Área: 5166cm² / 50%

GF***YIN.A2T5

FOTO Titagem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 6572800

Data: 24.08.2019

Titulo: CÃES COMO NÓS

Pub:

Expresso **E** A Revista do Expresso

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;3;32;33;34;35;36;37



Um amor ultra



Área: 5166cm² / 50%
FOTO: Titagem: 123.400
Cores: 4 Cores
ID: 6572800

TEXTO
ANA SOROMENHO



Data: 24.08.2019

Título: CÃES COMO NÓS

Pub: **Expresso** **E** A Revista do Expresso

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;3;32;33;34;35;36;37



cional



Para o bem e para o mal, os cães têm hoje um papel cada vez maior nas famílias. Humanização deseja-se, mas não em excesso

Área: 5166cm² / 50%
ID: 6572800
Cores: 4 Cores
FOTO Tiragem: 123.400

FOTOGRAFIAS GETTY IMAGES

E

stá uma noite de lua cheia mas não se ouvem uivos ao luar. Só o lobo da Alsácia de grande porte assinala com um vozeirão ameaçador a sua passagem pelo quarteirão, enquanto o dono o vai desculpendo, arrastado pela trela: “Ele não se aproxima nem se deixa aproximar, mas não faz mal nenhum. Apanhei-o num canil, foi muito maltratado e tem muito medo de tudo. Só se porta assim na rua, em casa é calmo.” O “Lobo” e o homem seguem o seu caminho sem parar na pequenina praça onde meia dúzia de cães soltos se dedicam intensamente a farejar o chão. Mal a cadela Labrador entra confiante na praça, o fox terrier, dis para a correr, rondando-a com latidos nervosos.

“Quieto!”, ordena-lhe o dono, desfazendo quase de imediato o gesto cauteloso: “Ah, é a ‘Caia’, para lá de ladrar.” Também “Baco”, o cão de água, vem ao encontro da cadela para a saudar, aproveitando para alçar a pata junto à árvore, no típico gesto do macho a marcar território, enquanto a dona acena sem largar o telemóvel. Os dias tardam em aquecer neste tímido agosto e um ventinho desagradável atravessa as ruas. “Anda lá ‘Michel’, já estás despachado”, diz o dono do fox terrier, desfazendo o breve contacto entre caninos e humanos e tudo volta à normalidade.

Noite após noite nesta praça do centro de Lisboa os rituais repetem-se. É um sistema verdadeiramente democrático onde ninguém sabe onde moram nem o nome que têm. Todos se conhecem apenas pela dona ou o dono “de” mas, com o passar do tempo, e consoante as disponibilidades, os vizinhos vão-se reconhecendo pelos hábitos e pelas personalidades dos bichos e assim vão conhecendo coisas uns dos outros que jamais saberiam não fossem estas afinidades caninas. “Que é feito do ‘Sony’, que nunca mais o vi?” “Morreu, não lhe contaram? Foi-se em três dias. O dono, coitado, aquele rapaz desempregado, teve de vender a televisão para pagar o internamento no hospital veterinário e mesmo assim não o conseguiu salvar. Uma coisa tremenda.” Revemos o dono do outrora agitado “Sonny”, sentado de óculos escuros num banco do jardim e aproximamo-nos para o consolar. Também ficámos a saber que o fox terrier, parecido com o “Milu”, o inseparável cão das aventuras de Tintim, nunca aparece na praça aos fins de semana porque fica entregue ao antigo dono, o ex-namorado deste homem que agora o passeia. “Ele gosta muito do ‘Michel’, e quando se separam acordaram numa espécie de guarda

partilhada”, revelou certa vez, assinalando com satisfação, os seus direitos adquiridos sobre “Michel”. “Considero-o tão deles como meu. Para mim, é muito mais do que um simples animal. Faz parte da família.”

TÃO LÁ DE CASA COMO NÓS

A ideia de que os animais de estimação fazem parte da família entrou de tal maneira no quotidiano e nos modos de viver das sociedades contemporâneas do mundo ocidental que ninguém estranhou quando Juan apareceu no aniversário de uma amiga acompanhado pelo seu basset hound, de orelhas quase a tocar o chão, que resgatou preso num cordel à beira de uma autoestrada, e contou que tinha comprado uma cama enorme para que pudesse dormir com os donos. “É uma sensação maravilhosa que me dá muita felicidade”, revelou este argentino que mora em Portugal há quase duas décadas, enquanto ‘Cão’ — que se “chama Cão como Diogo Cão” — parecendo concordar com tudo o que o dono dizia, se acomodava com propriedade debaixo da mesa enquanto decorria o jantar.

Segundo nos explica o etólogo austríaco Konrad Lorenz, prémio Nobel da Medicina em 1973 pelos seus estudos sobre o comportamento animal, no livro “E o Homem Encontrou o Cão” a relação entre seres humanos e os seus animais domésticos é tão antiga como a história da Humanidade. Se no centro desta história o cão sempre ocupou um lugar privilegiado e transformador, nunca como agora o seu papel foi posto num patamar de tão elevada exposição sentimental.

Percorremos centenas de posts publicados no Facebook, onde os cães e gatos dos mais próximos e distantes nossos “amigos” parecem ser os principais protagonistas nas férias deste verão.





Observamos cães de todas as espécies em pequenos filmes publicados, onde acompanhamos o entusiasmo dos seus donos a vê-los furar as ondas ou a descansar refastelados nas mais variadas paisagens. Se as redes sociais são o espelho onde se reflete o que queremos que se saiba sobre nós e as nossas vidas, a notícia da recente separação entre a cantora Miley Cyrus e o ator Liam Hemsworth, publicada no Twitter, a atenção que as estrelas concedem aos seus bichos é a prova irrefutável da normalidade afetiva, mesmo durante as suas crises amorosas: “Continuam pais dedicados de todos os animais que partilham enquanto se separam durante um período. Por favor, respeitem o processo e a privacidade deles.”

A questão da privacidade parece ser central neste novo paradigma das narrativas construídas entre seres humanos nas suas relações com os animais de estimação, e na pirâmide desta hierarquia seguramente os cães ocupam o lugar do topo. “A importância que os animais de companhia têm hoje nas famílias e nos círculos de vida íntimos, tanto em Portugal como noutras sociedades ocidentais, está muito relacionada com o processo de privatização das relações pessoais”, indica-nos Verónica Policarpo, socióloga investigadora do Instituto de Ciências Sociais (ICS), especializada no estudo das relações entre humanos e animais, referindo a importância que os afetos passaram a ter no discurso que construímos sobre o nosso mundo. “O que hoje define ‘a família’”, explica a socióloga, “deixou de ser apenas os laços de sangue, entre pai, mãe e filhos, passando também a incluir os afetos que se nutrem pelos amigos e pelos animais de companhia. Neste movimento, a nossa relação com os animais, enquanto companheiros, também mudou. Damos-lhes muito

“A importância que os animais têm hoje nas famílias está relacionada com o processo de privatização das relações pessoais”, indica-nos Verónica Policarpo, socióloga, investigadora do ICS

mais valor e tornaram-se mais centrais nas nossas vidas. Estamos dispostos a mudar mais coisas nos nossos hábitos e a gastar mais dinheiro por causa deles”.

UM AMOR INCONDICIONAL

A história entre Bruno e “Muxima” é um exemplo do que Verónica Policarpo acaba de nos dizer. “Muxima”, em kimbundo de Angola, quer dizer “coração” e foi precisamente esta palavra que o levou ao encontro da cadela traçada entre cão mongol das neves e golden retriever.

Bruno tem 40 anos e é gestor humanitário. Durante 15 anos trabalhou em organizações de 30 países de vários continentes, até aterrar em Ulan Bator, a capital da Mongólia. “Tal como na maioria dos países do mundo não-ocidental, na Mongólia os cães são muito mal tratados. Neste país, o destino dos cães abandonados que resistem ao inverno, com temperaturas que podem descer aos 40 graus negativos, é terrível. São apanhados e esfolados vivos para comercializarem a sua pele.” Bruno, que toda a vida adorou cães, tentava não fixar nenhum dos que com ele se cruzavam no trajeto entre a sua casa e o escritório onde trabalhava. “Nessa altura estava muito cansado e tinha decidido sair dali o mais rapidamente possível. Não tinha condições para ter um cão, achava eu.”

Foi neste contexto que se cruzou um dia com uma cadela de pelo cinza, escanzelada, nos escombros de um prédio abandonado. Talvez o frio não tenha ajudado. O que é certo que nesse dia Bruno e a cadela trocaram um olhar de mútua vulnerabilidade. Quando chegou a casa, depois de jantar, lembrou-se da cadela, ali mesmo ao lado, e pegou num prato com as sobras da refeição. Mal se aproximou, a cadela veio ao seu encontro com a língua de fora



e a cauda a abanar sem tocar na tigela de comida. “Estava cheia de fome, mas em vez de se atirar à comida, preferiu brincar. Este gesto comoveu-me tanto que, quando me seguiu até casa, deixei-a entrar.” Deu-lhe banho, “afinal tinha um pelo lindo, branco dourado”, aqueceu-a, e telefonou a uma amiga: “Quando eu me for embora ficas com ela?” A amiga quis vê-la primeiro. Quando chegou, com prometeu-se. A cadela era deliciosamente meiga e de uma inteligência invulgar. Apesar de ter crescido na rua, rapidamente se adaptou à vida de casa. Quando o contrato de Bruno terminou, já “Muxima” se tinha convertido num amor incondicional. Nessa altura recebeu vários convites para continuar em projetos internacionais — Iraque, Somália, República Centro Africana. Bruno recusou: “Não posso, tenho uma cadela.” Decidiu vir para Portugal. Percebeu que precisava de estabilidade, talvez construir uma vida de família. “Estava a atravessar um período difícil. Eu salvei-a e ela também me salvou”, reflete agora, muitos meses depois de ter passado por um dos dramas da sua vida.

O transporte de “Muxima” para Lisboa foi um processo complicado e moroso. Bruno veio primeiro e deixou a cadela ao cuidado da amiga, enquanto aguardavam os resultados dos textos da raiva, que tiveram de ser analisados num laboratório dos Estados Unidos. A ideia era quando saíssem os resultados conseguir um visto para que a amiga pudesse trazer a cadela para Portugal. “Nunca imaginei que fosse tão complicado viajar com um cão fora da UE”, desabafa. O processo demorou meses, entre inúmeras burocracias que envolveram as embaixadas da Alemanha na Mongólia, onde Portugal não tem representação, e a embaixada de Portugal na China, e foi acompanhado por centenas de seguidores nas redes sociais, onde Bruno partilhou

diariamente a sua aflição. O visto não foi concedido, e depois de quatro meses de espera e de quase três mil e quinhentos euros despendidos, “Muxima” chegou finalmente a casa e Bruno pode descansar. O encontro entre os dois foi filmado em direto no Facebook, onde podemos testemunhar a alegria deste momento. Para Bruno, apesar da morosidade deste processo e do dinheiro gasto em burocracia, vacinas, bilhetes de avião e transporte do bicho, desistir e deixá-la ao cuidado da amiga “que queria ficar com ela e iria tratá-la muito bem era impensável. Tão impensável “como deixar a minha avó, ou um filho, num país difícil ao cuidado de outra família”.

HUMANOS COMO NÓS

Júlio Machado Vaz, o psiquiatra que, como nos confessa, também adora cães e teve vários, explica um dos ingredientes da incondicionalidade deste amor. Ao longo de muitos anos, o amor entre os seres humanos e os seus bichos de estimação foi muitas vezes tema de conversas entre ele e os seus pacientes: “Ouví muitas vezes pessoas com dificuldade em falar dos seus afetos a falar do seu cão de uma maneira que não falavam dos filhos ou de amigos muito próximos”, diz-nos, acrescentando: “Uma das razões, bastante importantes, tem que ver com a questão de ser uma relação silenciosa, que se baseia num conhecimento intuitivo, que os animais e também as crianças transmitem aos adultos, de compreender tudo o que se passa connosco no mais puro modo de sentir os nossos gestos e a nossa disposição. É muito reconfortante chegar a casa, depois de um dia triste ou complicado, e o nosso cão vir pousar a cabeça no nosso colo, dar-nos a pata e ficar ao nosso lado, como se compreendesse o que sentimos.”

Contudo, é preciso ter muito cuidado para não humanizar excessivamente o comportamento dos animais. “Também perdi conta às pessoas que me diziam ‘o que eu queria era ser amado assim por alguém.’ Este tipo de nostalgia é muito perigoso e conduz-nos a um fenómeno que está em franco crescimento.” E qual é? “A noção de que o mundo lá fora é muito agressivo. Tornámo-nos extremamente individualistas e desconfiados em relação a outros seres humanos. Neste sentido é um alívio, porque temos a certeza de que os nossos bichos gostam de nós e nunca nos vão trair. É um amor que nos dá uma segurança extraordinária. Tenho assistido a muita gente que se refugia neste sentimento, qualquer coisa nos seus trajetos individuais correu mal, deixaram de acreditar em relações com os outros seres humanos e ficam sitiados neste afeto. Isto é perigoso.”

As paredes do consultório da veterinária Maria Mira estão cheias de fotografias de cães e de gatos, com dedicatórias de gratidão. Durante muitos anos, a cadela “Gilda”, um grande pastor alemão, dormia longas sestas, deitada aos pés da dona, enquanto Maria tratava de outros bichos. Foi uma amizade que durou todo o tempo de juventude da veterinária, os anos da universidade, e “Gilda” assistia às aulas e era a companhia das noites. No entanto, sempre foi tratada como uma cadela, a fronteira que divide radicalmente um território e o outro nunca foi ultrapassada. “O problema é quando os animais deixam de ser olhados como bichos e começam a ser tratados como crianças”, alerta. É um drama cada vez mais frequente. “É recorrente receber no consultório cães que sofrem de grande stress e chegam a automutilar-se por serem tratados como pessoas e não como animais.” Dá exemplos: “Cães pequenos que andam na rua dentro de



cestos, ao colo, ou até em carrinhos de bebé. Há pessoas que lhes pintam as unhas e os vestem com fatinhos. Tratam-nos como bebés e muitas vezes dizem que são mimados, não gostam de andar ou têm muito medo de outros cães. Tratam-nos assim para protegê-los, por excesso de amor, sem perceber que estão a causar maus-tratos aos seus bichos de estimação. Outra situação, cada vez mais frequente, é ver cães de donos vegan que impõem aos seus animais uma dieta vegan. Como todos sabemos, o cão é um animal carnívoro e esta alimentação provoca-lhes complicados problemas de saúde por carências alimentares.”

Apesar de todos estes gestos de amor, mais ou menos nocivos, como nos indica Maria, a veterinária, o vínculo que muitos achamos inquebrável, mais vezes do que seria desejável pode desfazer-se. Verónica Policarpo, a investigadora do ICS, alerta: “A nossa relação com esses companheiros também muda. Damos-lhes mais valor, tornam-se mais centrais, estamos mais dispostos a investir neles, mas o lugar privilegiado que os animais de companhia ganham é, porém, instável. As vidas das pessoas e das famílias mudam bastante ao longo do seu ciclo de vida, e essas mudanças deixam os animais vulneráveis, podem mesmo ter consequências negativas. Em casos de divórcio, por exemplo, uma mudança de casa, o nascimento de um filho, uma situação de desemprego ou de migração, o significado dos animais nas famílias pode alterar-se. Às vezes, saem mesmo da esfera familiar, são entregues a abrigos ou a outras famílias que possam tratar deles e tornam-se descartáveis.”

Neste sentido, a legislação que protege os direitos dos animais e pune os donos tem feito alguns avanços históricos. Uma das leis que nos dão conta do estatuto que os animais de estimação passaram

“O problema é quando os animais deixam de ser olhados como bichos e começam a ser tratados como crianças”, alerta a veterinária Maria Mira

a ter dentro das famílias é a Lei de 8/2017 que define o estatuto jurídico dos animais. Quando, por exemplo, há um divórcio numa família, foi consagrado o artigo 1793A que estabelece neste caso a quem são confiados e quais os critérios. Na maioria das vezes, quando há guarda partilhada dos animais de estimação, seguem os filhos entre a casa do pai e a casa da mãe.

Também esta situação é cada vez mais frequente e faz-nos acreditar num mundo mais justo, onde todos os seres vivos estarão nos seus devidos lugares. Como confessava uma vizinha nos habituais passeios pelo bairro, “chega até a ser estranho a falta que a minha cadela me faz e a alegria que me dá quando regressa com os meus filhos de casa do pai. Nunca pensei sentir isto”. Novos hábitos alteraram-se e trouxeram novas aprendizagens. Ao fim da tarde, pessoas e cães acompanham-se em marcha desportiva ao longo do Tejo. A prática de uma vida saudável dos novos urbanos obriga-os a sair de casa. Andar na rua e ter a companhia de um cão em longos passeios pelos parques é um prazer. “Caia”, a cadela Labrador, chega a casa estafada, pronta para se atirar para o cesto. Subitamente para. “Nuri”, a gata malhada, aproveitou a ausência da cadela para se estender confortavelmente ao comprido na fofo almofada. “Caia” olha a dona como a pedir socorro: “Vês como esta me trata na tua ausência?” Não há cedências: “Vocês que são animais que se entendam”, mas ambas sabemos que não irá conseguir ganhar. A gata estica a pata em delicada sonolência felina, como que apanhando um raio de sol. Olha para a cadela e não se mexe. Em matéria de território ninguém a bate. Mas isso é já outra conversa. ●

oscramenho@expresso.impres.pt

